

“EXPERIÊNCIA CAMARÁ”

Breno Ayres Chaves Rodrigues¹

Resumo: Esse artigo relata a experiência de um ano de estágio em psicologia (ano de 2014) no Centro Camará de Pesquisa e Apoio à Infância e Adolescência, localizado na cidade de São Vicente – SP. Nesse um ano, a partir de uma metodologia cartográfica, chegamos a apontamentos teórico-práticos que buscam dar primeiros contornos ao que chamo de “experiência Camará”. Pautada em um paradigma ético-estético-político da convivência, tornar pública essa experiência singular do cotidiano do serviço tem por objetivo encontrar alianças e apoiar todos os interessados em contribuir para a promoção da cidadania e o fortalecimento do Sistema de Garantia de Direitos de Crianças, Adolescentes e seus familiares.

Palavras-chave: Experiência Camará; cartografia; convivência.

Introdução

Fundado em 1997, na cidade de São Vicente/ SP, o Centro Camará de Pesquisa e Apoio à Infância e Adolescência (coletivo Camará) surgiu da iniciativa de um grupo de trabalhadores da área da saúde, educação, assistência social e representantes da sociedade local, interessados em contribuir para a promoção da cidadania e o fortalecimento do Sistema de Garantia de Direitos de Crianças e Adolescentes. Tem por missão contribuir para a construção de uma sociedade equânime e sustentável por meio da promoção dos direitos humanos, do desenvolvimento sociocultural e da proteção ambiental. Atua nos espaços de formulação de políticas públicas e controle social, onde realiza pesquisas, sistematizações e formações de profissionais da rede de proteção social, bem como projetos e ações educativas, artísticas e culturais em regiões periféricas da cidade ditas vulneráveis.

Esse artigo é um relato de experiência de um ano de estágio supervisionado de psicologia (2014) possibilitado pelo vínculo institucional entre a Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista e o coletivo Camará. Nessa jornada de trabalho e pesquisa, nós estudantes participávamos ativamente de todos os espaços de atuação: reuniões com serviços públicos e privados que possibilitavam a materialidade das políticas de assistência social, saúde, saúde mental, educação e cultura; reuniões internas e supervisões para articulação de estratégias de ação a partir das experiências vivenciadas nos grupos de trabalho, oficinas e assembleias com crianças, jovens e familiares nos territórios de atuação (Nesse ano de 2014 a atuação foi principalmente nos bairros Vila Margarida, Quarentenário e arredores da sede); participávamos de reuniões para escritas de novos projetos para financiamento e manutenção do serviço; e, finalmente, participávamos de saídas e viagens educativas e culturais pela cidade, pelo Estado, e até pelo Brasil acreditando não sua potência formativa.

Método

Esse artigo é confeccionado a partir das experiências de trabalho e articulações teóricas registradas no relatório final de estágio do ano de 2014. Importante dizer que esse relatório final foi escrito a partir da análise de diários de campo que eram feitos a cada semana de estágio.

¹ Psicólogo formado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Educador do Centro Camará de pesquisa e apoio à infância e adolescência em São Vicente/SP (ONG Camará) e Acompanhante terapêutico da equipe TRAJETOS em Santos/SP. E-mail: brenoayreschaves@gmail.com.

Nesses diários de campos haviam impressões, reflexões, problemas, analisadores etc., suscitados pelas próprias vivências de trabalho. Esses diários eram um material de muitas vozes.

Nossa abordagem metodológica durante as ações no campo de estágio foi uma abordagem cartográfica: “(...) o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar. Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue outro num movimento contínuo (...)” (BARROS E KASTRUP, 2009, p. 59). Traçando cartografias, caminhávamos sempre buscando uma atenção à espreita (DELEUZE, 1988-1989)².

Possíveis articulações após um ano de trabalho: A “experiência Camará”

A partir desse ano de 2014, cheguei a articulações teórico-práticas que falam de uma experiência única de trabalho e convivência que chamei de “experiência Camará”. Pensar essa experiência é sempre algo de muitas vozes, afetos, corpos, singularidades, é um agenciamento coletivo, é produção de subjetividade:

É preciso sublinhar que a novidade do conceito de ‘subjetividade’ é ser indissociável da noção de produção (...) É também preciso notar que o conceito de ‘subjetividade’ se refere a duas coisas. Em primeiro lugar, ao processo de produção; em segundo, às formas que resultam desse processo, que são os seus produtos. Trata-se aí dos dois planos a que me referi anteriormente. Planos que são distintos, embora indissociáveis: o plano dos processos e das forças moventes e o plano das formas que dele emergem. (KASTRUP, 2005, p. 1276).

Desse modo, a “experiência Camará” é guiada por processualidades. Tenta-se dar voz aos devires que vão se engendrando em nossos corpos, ações, estratégias e manejos a partir do que acontece na cidade, no mundo, nos grupos e coletivos acompanhados. O processo de educação é permanente e vai acontecendo nesses processos, da experiência que nos passa, que nos acontece, que nos toca. Não ‘o’ que se passa, não ‘o’ que acontece, ou ‘o’ que toca (BONDIA, 2002). Quando Bondia traz a experiência enquanto alteridade, compartilhamos juntos com ele uma crítica a um modelo atual de aprendizagem baseada no excesso de informações, excesso de opiniões, falta de tempo e excesso de trabalho morto, muito em voga no mundo contemporâneo capitalista. No “Camará”, buscamos dialogar muito mais com aprendizagens em que as experiências aconteçam enquanto abertura para o que se passa, enquanto “território de passagem” (BONDIA, 2002) construindo sentidos para todos envolvidos a partir “não da solução de problemas, mas da invenção de problemas.” (DELEUZE APUD KASTRUP, 2005, p. 1274). A invenção acaba sendo o pilar dos processos educativos em nossas ações.

Um paradigma ético-estético-político da convivência acaba permeando esse modo de pensar a subjetividade e a educação. Rolnik (1993) nos ajuda quando diz do rigor dessas três dimensões no cotidiano do trabalho acadêmico:

Ético: porque não se trata do rigor de um conjunto de regras tomadas como um valor em si (um método), nem de um sistema de verdades tomadas como valor em si (um campo de saber): ambos são de ordem moral. O que estou definindo

² É. Se me perguntassem o que é um animal, eu responderia: é o ser à espreita, um ser, fundamentalmente, à espreita. O escritor está à espreita, o filósofo está à espreita. É evidente que estamos à espreita. O animal é... observe as orelhas de um animal, ele não faz nada sem estar à espreita, nunca está tranqüilo. Ele come, deve vigiar se não há alguém atrás dele, se acontece algo atrás dele, a seu lado. (...) quando vou ver uma exposição, estou à espreita, em busca de um quadro que me toque, de um quadro que me comova (...) Uma exposição de pintura, ou o cinema... Sempre tenho a impressão que posso ter o encontro com uma idéia. (DELEUZE, 1988-1989, p. 4-10).

como ético é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças. As verdades que se criam com este tipo de rigor, assim como as regras que se adotou para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas pelas marcas. Estético porque este não é o rigor do domínio de um campo já dado (campo de saber), mas sim o da criação de um campo, criação que encarna as marcas no corpo do pensamento, como numa obra de arte. Político porque este rigor é o de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir. (ROLNIK, 1993, p. 7)

A palavra “marcas” está presente em toda a citação. O que Rolnik (1993, p. 2), chama de marcas são:

(...) exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir. (ROLNIK, 1993, p. 2).

As “experiências Camará” sempre possuíram um rigor ético de “caminhada” para devires a partir dessas marcas instauradas no corpo. Uma caminhada com lentidões e cansaços, saltos, sustos, danças, corridas, etc. E não é à toa que convidamos a pensar essa ética sempre atravessada com o corpo e o que ele pode, e aqui não falo do corpo fechado em si, ensimesmado, mas de um corpo humano composto “de muitos indivíduos (de natureza diferente), cada um dos quais é também altamente composto.” (SPINOZA, 2014, p. 66). Spinoza chama de “indivíduos” corpos compostos por dinâmicas de interação entre superfície duras, moles e fluídas que acontecem por diferenças de velocidade e repouso. Assim, um corpo sempre tem a possibilidade de afecção com o outro numa relação de movimento, um dá movimento ou pausa o outro, afetando-o e produzindo infinitas formas e composições.

Sempre guiado por essa noção de “corpo” aberto para o mundo, um corpo em constante “relação com”, fica claro que sempre há uma possibilidade estética de invenção de novos corpos a cada instante pelas marcas, que o encontro produz. Essas marcas que Rolnik (1993) convoca estão numa temporalidade outra, invisível e real, que sempre podem se atualizar no devir em diferentes formas: gestos, corporeidades, palavras, pensamentos, silêncios, músicas, poesias, confissões etc. O “coletivo Camará” é encarnado nesse corpo múltiplo de singularidades. É o movimento de produção de subjetividade que se deflagra a todo tempo nesses corpos.

Trazendo para o cotidiano de trabalho, grande parte de nossas atividades se dão em grupos com os jovens e crianças. Nesses grupos caminhamos para a invenção de problemas, mundos, corpos, como já foi dito. Esses processos inventivos são um lugar comum que miramos, mas temos a noção da disputa com campos altamente naturalizados, serializados e disciplinadores que nos engessam e endurecem. A mídia, o tráfico, a falta de recursos e estruturas, a pobreza, a lógica capitalista, a exclusão... Poderíamos analisar e elencar muitos mecanismos de exploração e empobrecimento da vida, e sempre o fizemos no Camará, mas olhamos para isso para elaborar estratégias e inventar dispositivos de resistência. Há uma estética existencial nisso.

Nesse momento do texto a dimensão política emerge. A militância e resistência enquanto experiência é viva no Camará. Lutamos por uma educação permanente embasada no que acontecem no mundo, na cidade, nos bairros, nas famílias, serviços públicos, buscando defender e promover direitos humanos de crianças, jovens e famílias a partir de suas próprias possibilidades e potências. Coletivamente, os sentidos dessa luta vão sendo tecidos, incorporados. A resistência vai se dando, num devir constante, produzindo um corpo coletivo forte, saudável. A dimensão política, nessa sintonia, tem a ver com processos de cuidado e saúde.

Traçadas essas três dimensões “ético-estético-política”, posso dizer que o cotidiano no Camará é baseado na convivência e é na convivência que essas dimensões dialogam e operam. Mas não o “senso comum” da convivência, e sim uma convivência singular, conectada aos conceitos de “experiência”, “produção de subjetividade” e “corpo” que trazemos acima. Digo isso, pois há valores e laços que são construídos a todo o momento no “estar junto” sinalizam perder força nas sociedades contemporâneas. (BAPTISTA, 2004). Sustentar essa convivência balizada pelas dimensões ético-estético-políticas citadas aqui, é, a meu ver, a práxis do coletivo Camará.

Conclusão

Esse foi um começo de articulação e análise. Um ano de trabalho parece pouco, mas os tempos não são só lineares, também operam com as intensidades, inventividades, e aí um ano de encontros pode ser muito.

A aposta é que essa “experiência Camará” possa ajudar os trabalhadores dos setores que se comunicam com a saúde, educação, assistência social e arte/cultura. Afinal, uma experiência de trabalho, quando compartilhada, busca abrir espaço para que se ativem redes solidárias nas quais realmente aconteçam as trocas, os vínculos, as aprendizagens, o controle social, o cuidado, a resistência etc. Que esse seja um texto que encontre parceiros, agencie alianças, dê corpo a máquinas de guerra!

Referências

BAPTISTA, M. Comunicação, Amorosidade e Autopoiese. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/142120151171703635339999300420813463589.pdf>>. Acessado em: 27/05/2015.

BONDIA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

DELEUZE, G. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Paris, Éditions Montparnasse. 1988-1989. Disponível em: <<http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-integral-do-video>>. Acessado em: 25/05/2015.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, 19(1): 15-22, jan./abr. 2007.

KASTRUP, V. Políticas Cognitivas na Formação do Professor e o problema do devir- mestre. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27279.pdf>>. Acessado em: 20/05/2015

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, S. *Pensamento, corpo e devir*: Uma perspectiva ético/estético/política do trabalho acadêmico. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>>. Acessado em: 27/05/2015.

SPINOZA, B. *Ética* [tradução de Tomaz Tadeu]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.